
Um novo fazer para psicologia escolar/educacional: trabalhando sobre diversidade e diferença

**A new doing for school/educational psychology:
Working on diversity and difference**

Un nuevo hacer para la psicología escolar/educativa: trabajando la diversidad y la diferencia

Cardoso, Helma de Melo¹ (São Cristóvão, Sergipe, Brasil)ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3547-0999>Carvalho, Daniela Melo da Silva² (São Cristóvão, Sergipe, Brasil)ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7142-778X>**Resumo**

O espaço escolar, apesar da aparente neutralidade e imparcialidade de que se reveste, segue como instrumento de normalização e disciplinamento com padrões rígidos para os gêneros. Mas também pode ser um espaço privilegiado de transformação social pela sua potencialidade para desconstrução das desigualdades. Em virtude disso, a temática de gênero, sexualidade e relações étnico raciais foi incluída em nossas atividades com estudantes. Nos encontros semanais, online, com as turmas de 6º ano do ensino fundamental, desenvolvemos diversas temáticas como organização de estudos, empatia, afetividade, respeito, diversidade, questões étnico-raciais, gênero, sexualidade e projeto de vida, utilizando recursos tecnológicos de interação e ferramentas da internet. Em 2019, foi criado o Clube de Leitura “Marielle Franco” com a finalidade de tornar a escola um espaço de respeito às diferenças, através de discussões sobre a diversidade, raça, gênero e sexualidades. Foi possível perceber potencialidades nos encontros realizados com estudantes dos 6ºs anos, nas leituras realizadas, debates críticos, nas experiências de opressão compartilhadas e nas parcerias estabelecidas, bem como nas atividades do clube de leitura. E mesmo sabendo que a educação sozinha não promoverá as mudanças tão necessárias para a criação de uma estrutura social igualitária, a defendemos como uma resistência aos modelos educacionais nos quais fomos construídos e que estão alicerçados num arcabouço da desigualdade, da homogeneização da diversidade.

Palavras-chave: Psicologia escolar; Diversidade; Diferença.

Abstract

The school space, in spite of its apparent neutrality and impartiality of which it is plastered, it continues to be used as an instrument of normalization and disciplining with strict standards for the gender. But it can also be a privileged space for social transformation due to its potential for deconstructing inequalities. As a result, the themes of gender, sexuality and racial ethnic relations were included in our activities with students. In the weekly online meetings with the 6th grade classes, we develop various themes such as organization of studies, empathy, affection, respect, ethnic-racial issues, gender, sexuality and life project, using technological interaction resources and internet tools. In 2019, the “Marielle Franco” Reading Club was created with the purpose of making the school a space of respect for differences, through gender on diversity, race, and sexuality. It was to perceive potentialities in the meetings held with 6th grade students, in the readings carried out, critical debates, in the experiences of shared pressure and in the possible partnerships, as well as in the activities of the reading club. Even knowing that education by itself can't promote the creation of an egalitarian social structure, we defend it as resistance to the educational models in which we were built and which are based on a framework of inequality and of the homogenization of inequality.

Keywords: School psychology, Diversity, Difference.

Resumen

El espacio escolar, a pesar de su aparente neutralidad e imparcialidad, sigue siendo un instrumento de normalización y disciplinamiento con estándares estrictos para los géneros. Sin embargo, también

¹ Psicóloga do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Sergipe – UFS. E-mail: helma.2010@hotmail.com

² Psicóloga do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Sergipe – UFS. E-mail: danielapsi@academico.ufs.br

puede ser un espacio privilegiado de transformación social por su potencialidad para deconstrucción de las desigualdades. Como resultado, el tema de género, sexualidad y relaciones étnico-raciales fue incluido en nuestras actividades con estudiantes. En los encuentros semanales, en línea, con las clases de 6º grado de la enseñanza fundamental, desarrollamos diversos temas como organización de estudios, empatía, afectividad, respeto, diversidad, cuestiones étnico-raciales, género, sexualidad y proyecto de vida, utilizando recursos tecnológicos de interacción y herramientas de la internet. En 2019, fue creado el Club de Lectura “Marielle Franco” con el propósito de convertir la escuela en un espacio de respeto a las diferencias, a través de debates sobre la diversidad, raza, género y sexualidades. Fue posible percibir potencialidades en los encuentros realizados con estudiantes de los 6ºs grados, en las lecturas realizadas, debates críticos, en las experiencias de opresión compartidas y en las alianzas establecidas, así como en las actividades del club de lectura. Y aun sabiendo que la educación por sí sola no promoverá los cambios tan necesarios para la creación de una estructura social igualitaria, la defendemos como una resistencia a los modelos educativos en los que fuimos construidos y que se basan en un marco de la desigualdad, de la homogeneización de la diversidad.

Palabras llave: Psicología escolar; Diversidad; Diferencia.

Introdução

Nós, psicólogas do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe (CODAP-UFS), ao longo desses anos, temos enfrentado diversos desafios em nossa prática profissional no ambiente escolar, desde a necessidade diária de desmistificação de nosso papel neste ambiente, diferenciando-o do trabalho de psicoterapia clínica, até a inserção da psicologia escolar em todos os âmbitos da escola, desenvolvendo atividades com estudantes, profissionais da educação, famílias e reuniões multidisciplinares. Dessa forma, temos atuado na tentativa de prevenir e instrumentalizar os/as jovens tanto para o convívio escolar como para a preparação e projetos de vida. Com os profissionais que atuam na educação, direcionamos nosso trabalho para a construção coletiva de um fazer educacional que englobe aspectos sociais e emocionais de todos os envolvidos.

E diante do panorama político e social que se apresenta no Brasil com relação à temática das relações étnico-raciais, gênero e sexualidade na educação, em que há um recrudescimento do Estado diante de demandas populares e discursos contrários às demandas das populações consideradas minorias (mulheres, negras e negras, LGBTQIA+³) (MELO, 2019) e no qual se percebe o crescimento cotidiano do número de violências motivadas pela homofobia, sexismo e racismo, verificou-se a necessidade de ampliação da luta, contra todo tipo de discriminação motivada pela necessidade de enquadramento dos sujeitos às normas raciais, heterossexuais e binárias.

³ Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, transgênero, queer, intersexo, assexual e outros.

Vivenciamos nos últimos anos um grande ataque aos estudos, políticas e medidas que visam à igualdade e liberdade dos gêneros e da sexualidade, que vêm sendo chamado arbitrariamente de “ideologia de gênero”. Há uma invasão, principalmente nas mídias da internet de vídeos, comentários, mensagens num tom agressivo que se colocam geralmente contra as pautas da população LGBTQIA+, na justificativa de valorizar a família tradicional.

E fica o questionamento, é papel da psicologia escolar discutir temáticas voltadas para a diversidade, sexualidade, gênero entre outras? E mais ainda, essas discussões devem ser realizadas na escola? O espaço escolar também é produzido para o disciplinamento dos corpos, a partir da aparente neutralidade e imparcialidade de que se reveste, seguindo como instrumento de normalização e disciplinamento com padrões rígidos para os gêneros. Não por acaso a homofobia continua sendo uma questão de difícil enfrentamento, visto que também os educadores foram subjetivados pela lógica sexo, gênero e identidade sexual. Essa lógica se materializa na vigilância dos corpos de meninas e meninos que de alguma maneira fogem à regra do “aceitável”.

Mas a escola também pode ser esse espaço privilegiado de transformação social pela sua potencialidade para desconstrução das desigualdades de gênero, sexo e raça. (CARDOSO; SILVA, 2011). Para isso precisamos entender como os processos opressivos são construídos e se sustentam. A exemplo da constituição da história das sociedades africanas abordada em sala de aula, que geralmente remete a um local de pobreza extrema, cercada de violência e intimamente ligada à escravidão. Isso se dá pelo fato de as escolas adotarem livros didáticos, que em sua maioria trazem a visão do homem branco europeu. Quando seria necessário um conhecimento a partir de dentro para criar conhecimento reflexivo e crítico. Pensando nessas questões que resolvemos incluir a temática de gênero, sexualidade e relações étnico raciais em nossas atividades com estudantes e faremos a seguir o relato das experiências ocorridas no ano de 2021.

Atividades com estudantes dos 6ºs anos

Uma das atividades que realizamos de maneira adaptada nesse período remoto foi o encontro semanal com as turmas de 6ºs anos do ensino fundamental, turma de entrada em nossa escola, com estudantes em torno de 10 a 12 anos. Nesses

encontros desenvolvemos diversas temáticas que consideramos importantes, como gestão de tempo, organização de estudos, empatia, afetividade, respeito, diversidade, questões étnico-raciais, gênero, sexualidade e projeto de vida.

Nossos encontros aconteceram através do Google Meet, com duração de 50 minutos, com duas turmas, cada uma com 30 estudantes, concomitantemente. Nesses encontros estamos sempre as duas para realizar as discussões, pois conseguimos nos dividir melhor para estar atentas e acolher as falas de todos(as) os(as) estudantes. Como não tínhamos mais o contato presencial, precisamos adaptar as atividades e para isso fizemos uso de diversas ferramentas de uso gratuito na internet, como o Mentimeter⁴, e das ferramentas do Google, como Google sala de aula, Google formulários, Google Agenda e Jamboard⁵.

Sempre priorizamos em nossos encontros dar voz à turma, pedimos sempre sua participação e para isso tivemos que nos adaptar ao modo remoto, haja vista que precisa de muita disciplina para que todos (as) não falem ao mesmo tempo, fato que inviabiliza o entendimento, mas que é complicado com turmas nessa faixa etária, já que muitos fazem questão de participar. Sendo assim, temos que lançar mão dos recursos possíveis, pedindo que fale um de cada vez, de acordo com uma lista automática que o Google Meet cria quando o aluno pede para falar clicando no símbolo da mão. Outra alternativa é o uso do chat. Vale lembrar que sempre nos utilizamos dessas oportunidades para suscitar discussão sobre respeito e direitos e geralmente chegam à conclusão de que a atividade flui melhor respeitando a fala do outro.

Os encontros são temáticos e em um deles escolhemos o tema “Identidade e respeito às diferenças”. Para dar início às discussões trazendo a questão das semelhanças e diferenças dos seres humanos, trouxemos alguns slides com imagens em que se diferenciavam as etnias das pessoas, vestimentas, organização do espaço, mas que tinham em comum serem ambientes de aprendizagem e perguntamos sobre o que eles viam nas imagens e quais as diferenças nas fotos. Seguimos fazendo uma dinâmica na qual uma de nós ia fazendo caretas e pedíamos que repetissem, nesse momento alguns alunos demonstraram incômodo em repetir a careta e se tornaram alvo de brincadeiras, pois relataram que alguns colegas aproveitavam para fazer

⁴ Aplicativo utilizado para criar apresentações com feedback em tempo real.

⁵ Quadro interativo.

print⁶, para criar memes⁷. Nessa oportunidade, aproveitamos para perguntar se era correto essa atitude, se estavam demonstrando respeito ao outro dessa forma e qual seria a melhor maneira de agir em situações assim. Depois de algumas discussões, acabaram chegando à conclusão que, apesar de ser divertido esse tipo de brincadeira e bem comum no meio virtual, seria melhor não fazer o print e que caso fizessem deveriam pedir permissão aos envolvidos. Não temos a pretensão nessas discussões de acabar com esses comportamentos, pois seria no mínimo ingênuo, mas de minimamente despertar a discussão de que o divertimento de alguns pode ser algo ofensivo para o outro.

Essa temática se desenvolveu em dois encontros, pois as discussões tomaram bastante tempo e também porque a nossa preocupação não é de simplesmente cumprir à risca o planejamento, mas de aproveitar momentos de engajamento que acabam rendendo discussões muito ricas. Falamos sobre a importância de nos conhecermos, de saber quais são nossas características para entender o outro e suas diferenças. Finalizando o primeiro encontro, solicitamos que fizessem um autorretrato num papel, colocassem cinco características pessoais, com adjetivos que os definissem, depois fotografassem e enviassem em resposta a atividade do Google sala de aula. Todas as atividades foram respondidas individualmente com frases de estímulo para o desenho e a capacidade de conseguirem elencar características sobre si mesmos, sejam elas positivas ou negativas.

No encontro seguinte, retomamos o tema e conversamos sobre a aceitação de características físicas, sobre a aceitação do corpo, sobre a importância de gostar de como somos e sobre autoestima. Depois questionamos: somos todos iguais? E mediamos a discussão sobre diferenças raciais, de gênero e sexualidade, de formatos de corpo (gordo, magro).

Em outro encontro, a temática foi empatia e afetividade e para darmos início utilizamos o Jamboard (ver figura 1) para ir captando ideias iniciais que os(as) estudantes traziam sobre cada palavra do tema.

⁶ O Print screen é uma tecla comum nos teclados de computador. No Windows, quando a tecla é pressionada, captura em forma de imagem tudo o que está presente na tela e copia para a Área de Transferência. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Print_Screen. Acesso em: 02 jun 2021.

⁷ Termo grego que significa **imitação**. O termo é bastante conhecido e utilizado no “mundo da internet”, referindo-se ao fenômeno de “**viralização**” de uma informação, ou seja, qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música e etc., que **se espalhe entre vários usuários rapidamente**, alcançando muita **popularidade**. Disponível em: https://sme.goiania.go.gov.br/conexaoescola/ensino_fundamental/voce-sabe-o-que-sao-memes/. Acesso em: 02 jun 2021.

Figura 1: Quadro do Jamboard sobre Empatia e afetividade

Fonte: Imagem das autoras

A partir das ideias trazidas pela turma podemos ter ideia do conhecimento prévio sobre o tema e instigar a curiosidade para a aula. Após isso, apresentamos o vídeo curta animado “A ponte”⁸, que traz a história de dois animais, um urso e um alce, que tentam atravessar uma ponte estreita, vindo cada um de uma extremidade diferente e enfrentam o dilema de como conseguirem atravessar a ponte até que dois animais menores surgem atrás de cada um deles, um coelho e um guaxinim, também pedindo para atravessar, os dois animais grandes jogam os pequenos animais para fora da ponte. O coelho e o guaxinim derrubam um lado da ponte e os dois animais grandes caem no precipício, a ponte fica agora mais estreita e o coelho e o guaxinim encontram uma forma de atravessá-la sem brigas, o guaxinim se abaixa, o coelho pula e os dois seguem seus caminhos tranquilamente.

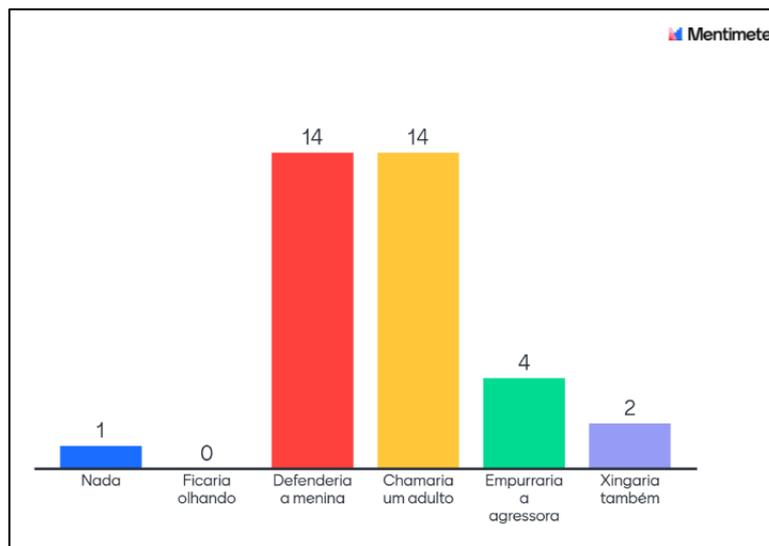
Após apresentação do vídeo, abrimos espaço para que pudessem falar o que cada um/a faria na mesma situação, colocando-se no lugar de cada personagem e praticassem uma atitude empática. Se desenrolou também uma discussão sobre a violência e percebemos que alguns meninos trouxeram respostas violentas para algumas situações rotineiras e pedimos para que observassem que a violência parecia uma resposta comum entre meninos e não entre meninas. Aproveitamos para discutir sobre a diferença de comportamentos aprendidos entre os gêneros para desnaturalizar essas diferenças e demarcar que homens e mulheres foram educados de forma diferente no decorrer da socialização humana. Nessa perspectiva, as questões dos papéis masculinos e femininos no cotidiano das relações sociais foram

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CMC81uGoOcQ>.

normatizadas e naturalizadas num plano meramente biológico, desprezando os aspectos sociais e culturais, enquadrando homens e mulheres em lugares e papéis pré-determinados (CARDOSO; OLIVEIRA; DIAS, 2015).

Depois dessa discussão, perguntamos: Como você convive em grupo? E trouxemos algumas imagens de situação de bullying na escola para que se colocassem no lugar de cada personagem e falassem como reagiriam. Numa das situações, onde uma menina ofendia outra, que estava acuada na parede, obtivemos as respostas abaixo através do Mentimeter:

Figura 2: Respostas sobre bullying



Fonte: Imagem das autoras

Depois de visualizarem as respostas, o aluno que respondeu nada se justificou dizendo que diante de situações como essas, geralmente, fica paralisado, por ser situações de injustiça. Cabe destacar que as respostas são anônimas. Falamos sobre as possibilidades de reação, lembrando também que podemos aprender outras formas de vivenciar e resolver essas situações. Vale lembrar de nossa impossibilidade de acolhimento presencial frente a estudantes que demonstram alguma fragilidade emocional, então sempre que percebemos que o/a estudante está trazendo conteúdo pessoal, que pode expô-lo e/ou sua família, nós tentamos retirar a atenção da situação e introduzimos outra fala ou tema e procuramos pelo/a estudante em outro momento individualmente. Ainda sobre o exercício, a turma discutiu sobre qual seria a melhor forma de ajudar a garota que estava sofrendo, mas também

fizeram o exercício de se colocar no lugar de todos os envolvidos na cena, buscando um convívio saudável em grupo.

Clube de leitura sobre diversidades

Paralelo a esses encontros desenvolvemos também o Clube de leitura sobre diversidades, criado em 2019 por percebermos como o protagonismo de mulheres e homens negros é apagado pela historiografia brasileira. Em geral a história dos negros inicia pela escravidão. A desconstrução de estereótipos é uma atividade muito difícil e por vezes vemos essas ideias do senso comum na sala de aula, onde os educadores acabam por colocar suas opiniões sobre questões de gênero e relações étnico raciais a partir de suas vivências pessoais que apresentam visões distorcidas entre as desigualdades étnico-raciais, de sexualidade e outras. Para Cardoso e Silva (2011) as ações de reeducação para a diversidade só surtirão efeito quando enfrentarmos o desafio de falar sobre diferenças sem preconceito e discriminação, mas reconhecendo que

mexer nas estruturas racistas e sexistas é, também revelar o lugar onde escondemos o nosso racismo e nosso sexismo, assim como incluir gênero em nossas práticas pedagógicas é duvidar de todo discurso que coloca, a nós, mulheres, em situação de submetimento e de desvalorização. (SILVA, 2011, p. 61).

Então, a partir dessa conjuntura, mobilizando todos esses saberes e práticas, criamos o Clube de Leitura “Marielle Franco” com a finalidade de favorecer o processo reflexivo aos atores da escola, em especial, aos/às estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Sergipe, na pretensão de tornar a escola um espaço de respeito às diferenças, ou ainda, um lugar onde as diferenças são valorizadas e comemoradas.

O clube de leitura tem como objetivo realizar a discussão sobre a diversidade, incluindo estudos sobre raça, gênero e sexualidades com todos os interessados, estudantes e trabalhadores da educação. É um espaço para debates e experiências diversas que venham a contribuir para tornar o espaço escolar mais acolhedor às diferenças, além de trazer pluralidade sobre uma mesma narrativa, discutir sobre o contexto da obra, desenvolver o compromisso com a leitura e o hábito de ler. Outro objetivo é incentivar a leitura de obras produzidas por mulheres e por negros e negras, tendo em vista que são obras, geralmente, relegadas ao

silenciamento histórico. E ainda “ouvir outras vozes, outros discursos, ter novos olhares sobre as fontes e os discursos – deixando emergir, pulverizar, visibilizar, o que se encontra invisibilizado, submerso, subentendido, implícito (SILVA, 2007 apud CARDOSO, SILVA, 2011, p. 65).

Isso porque verificamos um sistemático apagamento das contribuições de intelectuais de grupos oprimidos. Esse epistemicídio fica evidente não só nas graduações e pós-graduações, quando percebemos que o debate intelectual travado por mulheres e pessoas negras é apagado das bibliografias, mas também na Educação Básica onde essa produção literária é praticamente ignorada. Então mesmo quando uma pessoa negra, a despeito de todas as dificuldades trazidas pelo racismo, consegue ter alguma produção intelectual relevante, passa por esse processo de apagamento, como explica Sueli Carneiro (2005, p. 97):

Para nós, porém, o epistemicídio é, para além da anulação e desqualificação do conhecimento dos povos subjugados, um processo persistente de produção da indigência cultural: pela negação ao acesso à educação, sobretudo de qualidade; pela produção da inferiorização intelectual; pelos diferentes mecanismos de deslegitimação do negro como portador e produtor de conhecimento e de rebaixamento da capacidade cognitiva pela carência material e/ou pelo comprometimento da auto-estima pelos processos de discriminação correntes no processo educativo. Isto porque não é possível desqualificar as formas de conhecimento dos povos dominados sem desqualificá-los também, individual e coletivamente, como sujeitos cognoscentes. E, ao fazê-lo, destitui-lhe a razão, a condição para alcançar o conhecimento “legítimo” ou legitimado. Por isso o epistemicídio fere de morte a racionalidade do subjugado ou a seqüestra, mutila a capacidade de aprender etc.

Esse apagamento intelectual contribui para a pobreza do debate público, pois traz quase sempre e apenas a visão do colonizador branco. E mais, deixa a impressão de que pessoas negras não produzem conhecimento e não são capazes de elaborações inteligentes. E nossa proposta não é de somente valorizar a produção intelectual de pessoas negras, mas de enriquecer a formulação do saber, trazendo outras contribuições que não somente as leituras já privilegiadas.

Em 2021 todas as reuniões ocorreram na Plataforma Google Meet (plataforma de reunião por vídeo), por causa da suspensão das aulas presenciais durante a pandemia do novo Coronavírus. Desenvolvemos um clube de leituras direcionado para todos os atores da escola (estudantes, professores, técnicos, etc.), em reuniões semanais, abertas a todos que quisessem comparecer voluntariamente para leitura e debate de um livro, divulgado previamente através de um cronograma

mensal. Além disso, aconteceu o clube de leitura itinerante junto às turmas da escola, com a seleção prévia de um livro, texto ou vídeo, sempre adequado ao tempo da atividade e a idade dos/as estudantes, para debate. Concomitantemente também buscamos realizar a divulgação do conteúdo lido e estudado numa rede social (Instagram), com postagens semanais, além da utilização da página para indicação de leitura, filmes e uma pequena biografia dos(as) autores(as) lidos com o objetivo de dar visibilidade a esses nomes por vezes esquecidos. Os encontros foram realizados virtualmente e a equipe contava com as duas psicólogas na coordenação e 5 bolsistas da graduação.

Tabela 1: Levantamento das leituras semanais realizadas em 2021

Data	Atividade
31/05	Livro: “Sejamos Todos Feministas” – Chimamanda Ngozi Adichie
07/06	Artigos: “Você brinca de boneca, mas é menino” – Cardoso e Nascimento “Na escola se aprende que a diferença faz diferença” – Berenice Bento
14/06	Artigos: “Masculinidades hegemônicas e dissidências” – Caetano, Silva e Goulart “Ideologia de gênero: Pânico Moral em vídeos da internet” – Cardoso e Dias
21/06	Livro: “Fausto: O dragão que queria ser dragão” André Romano
12/07	Livro: “Racismo Estrutural” – Silvio de Almeida
19/07	Livro: “Interseccionalidade” – Carla Akotirene
26/07	Livro: “Quem tem medo do feminismo negro” – Djamila Ribeiro
02/08 14/08	- Livro: “Mulheres, Raça e Classe” – Angela Davis
20/09	HQ: “Marielle Franco: Raizes” – Instituto Marielle Franco
27/09	Livro: “Hibisco Roxo” – Chimamanda Ngozi
04/10	Livro: “Transfeminismo” – Letícia Nascimento

Fonte: As autoras

Muitas das leituras realizadas foram de autores e autoras negros e negras onde o grupo se aprofundou em temas mais complexos do racismo construído socialmente, aprendendo as noções também levantadas por Silvio Almeida (2019) que explica que “A viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica” (ALMEIDA, 2019, p.33) colocando as ideias de que o racismo só se materializa quando se é agredido ou xingado, como uma falácia.

Os debates do clube de leitura abriram espaço para exemplos vividos por cada um dos membros, relacionados à heteronormatividade imposta socialmente, às lutas históricas das mulheres e em como os papéis de gênero acumulam uma carga sobre as mulheres. Diante de todos os debates e temas percorridos através das leituras, tanto dentro do clube como nos encontros itinerantes com as turmas do CODAP, entendemos a importância de trazer uma diversidade maior de autoras, autores e personagens como forma de representatividade, como por exemplo os autores e autoras negros e negras uma vez que, de acordo com Djamilia Ribeiro (2019, p. 24) “[...] estudar autores negros não se baseia numa visão essencialista, ou seja, na crença de que devem ser lidos apenas por serem negros. A questão é que é irrealista que numa sociedade como a nossa, de maioria negra, somente um grupo domine a formulação do saber”.

Clube Itinerante

Também realizamos encontros com turmas do Ensino fundamental e médio, na modalidade que chamamos de “Clube Itinerante”, onde o clube se desloca e vai até o espaço de sala de aula. Neste caso, buscamos integrar leituras e mídias previamente escolhidas e adequadas à idade das respectivas turmas em conjunto com docentes, que nos proporciona realizar discussões diversas a partir dos temas abordados.

Em 2021 realizamos três encontros itinerantes, o primeiro deles com as turmas de 6º ano, com idade entre 10 e 12 anos, trouxemos o livro infantil “Fausto: O dragão que queria ser Dragão” onde o autor Leandro Ribeiro que usa uma linguagem criativa e simples para atingir o público que ainda está formando suas noções de mundo, nessa obra a representatividade se torna um pilar de construção social, trazendo por exemplo a importância do respeito às diversidades, por meio do uso das cores rosa e azul, que são ligadas aos papéis de gênero impostos pela sociedade, ajudando de forma lúdica a desfazer esse pré julgamento sobre cores de menina e cores de menino. Além de fazer alusão sobre diferentes condições motoras e a exclusão desses grupos como seres “imperfeitos” colocando que a inclusão de todas e todos é importante e mais justa.

Os dois encontros seguintes aconteceram para apresentação e análise do filme “Estrelas além do tempo”, em dois encontros, um com as turmas de 8º e 9º anos

e outro encontro com o ensino Médio, durante a Semana Interdisciplinar⁹ da Escola. Nesse filme que é ambientado no auge da corrida espacial travada entre Estados Unidos e Rússia durante a Guerra Fria, se destaca uma equipe de cientistas da NASA, formada exclusivamente por mulheres negras que se tornam verdadeiras heroínas da nação, a despeito de toda discriminação racial a qual são sujeitadas. Nesses encontros pudemos perceber o choque dos estudantes ao assistir cenas de racismo por causa de banheiros e outros espaços segregados para pessoas negras e ao mesmo tempo perceberem como hoje ainda temos que lidar com situações parecidas, mesmo que não institucionalizadas pelo Estado.

Enfim, a utilização dessas obras torna-se fundamental por promover o contato de estudantes com diversos temas. Por exemplo, ao longo dos encontros pautamos o racismo no ambiente escolar e o papel dos agentes (direção, docentes, pais e alunos) no combate dessa problemática. Também vimos as lutas e as contribuições do feminismo negro ao longo do tempo. Versamos sobre a figura da mulher no centro da intersecção do machismo e do racismo, além de outros assuntos abordados. Esses artefatos culturais (livros, filmes) foram necessários para enriquecer o conhecimento individual e aprofundar os argumentos em coletivo. Não menos importante, as leituras utilizadas são imprescindíveis para a formação de indivíduos que tenham contato mínimo com a discussão sobre todas essas temáticas e possam desenvolver pensamento crítico acerca de nossa realidade.

Considerações finais

Que pode fazer um só indivíduo, de efeito na história? Pode realizar alguma coisa importante com a sua maneira de viver? Pode indubitavelmente. Vós e eu não podemos, é verdade, sustar a guerras imediatas ou criar uma instantânea compreensão entre as nações; mas pelo menos podemos suscitar, no mundo de nossas relações diárias, uma básica e efetiva transformação. (KRISHNAMURTI, 1994, p. 53).

Apesar de termos uma atuação limitada na escola por conta do período de pandemia e trabalho remoto, já podemos perceber potencialidades nos encontros realizados com estudantes, nas leituras partilhadas, debates críticos, nas experiências de opressão compartilhadas e nas parcerias estabelecidas. Além disso as atividades do clube de leitura expandem e dão visibilidade a uma literatura diversa que só

⁹ Evento que finaliza o primeiro Semestre do Codap/UFS, trazendo Seminários, oficinas e mini-cursos.

enriquece o espaço escolar. Pode parecer para muitos uma iniciativa pequena, que não abrange toda escola, mas as grandes mudanças começam pequenas e podem se irradiar a partir de cada pessoa tocada em nossos encontros e reuniões e iniciar pequenas transformações. E entender que sim, é papel da Psicologia escolar/Educacional pautar esses temas na escola, pois em realidade, é papel de todos os atores da escola suscitar o respeito às diferenças e a problematização de todo tipo de preconceito.

Nosso mundo é tão diverso e essa diversidade precisa parecer em seus produtos culturais, pois não faz sentido continuar mostrando a história e personagens somente de uma parcela da sociedade. A educação tem potencial de dar visibilidade às relações que deterioram sujeitos a partir dos preconceitos e discriminações diárias, colocando foco nos corpos marginalizados, visibilizando seus discursos e abrindo fissuras nas estruturas racistas e sexistas que sustentam a nossa sociedade. Mas também sabemos que a educação sozinha não promoverá as mudanças tão necessárias para a criação de uma estrutura social igualitária. Mas ainda assim a defendemos como uma resistência aos modelos educacionais nos quais fomos construídos e que estão alicerçados num arcabouço da desigualdade, da homogeneização da diversidade.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

CARDOSO, H. de M.; OLIVEIRA, A. L. de; DIAS, A. F. Marcas e aprendizagens da heteronormatividade em filmes infantis. **Revista Espaço do Currículo**, [S. l.], v. 8, n. 2, 2015, p. 244-253. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/rec.2015.v8n2.244253>. Acesso em: 2 jun. 2021.

CARDOSO, Cláudia Pons; SILVA, Zuleide Paiva da. Pedagogias feministas no combate ao racismo e às desigualdades de gênero. In: COSTA, Ana Alice Alcântara; RODRIGUES, Alexnaldo Teixeira; PASSOS, Elizete Silva. (orgs). **Gênero e diversidade na gestão educacional**. Salvador, UFBA-NEIM, 2011, p. 55-68.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese de Doutorado em Educação, Universidade de São Paulo, 2005.

KRISHNAMURTI. **A educação e o significado da vida**. Editora Cultrix, 6. ed. São Paulo, 1994.

SILVA, Fabiane Ferreira da; MELLO, Elena Maria Bilig. (orgs.). **Corpos, gênero, sexualidades e relações étnico-raciais na educação**. Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011.

Recebimento: 27/04/2022

Aprovação: 10/05/2022



Q.Code

Editores-Responsáveis

Dr. Enéas de Araújo Arrais Neto, Universidade Federal do Ceará, UFC, Ceará, Brasil
Dr. Sebastien Pesce, Universidade de Orléans, França